

TRADUÇÃO NÃO LITERÁRIA À LUZ DA TRADUÇÃO LITERÁRIA

NON-LITERARY IN THE LIGHT OF LITERARY TRANSLATION



Peter NEWMARK
(12/04/1916 – 9/07/2011)
University of Surrey
Guildford, Surrey, Inglaterra

Traduzido por:

Cláudia DEBONI
Pesquisadora autônoma
Bothomé Advogados Associados
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/3831759854301025>
<https://orcid.org/0000-0003-4478-9210>
claudedeboni@yahoo.com.br

Rafael ZACCARON
Doutorando
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Inglês
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/7327233099656367>
<https://orcid.org/0000-0001-7796-501X>
rafaelzaccaron@gmail.com

1

Resumo: O objetivo deste artigo é comparar a tradução de textos não literários com a tradução de textos literários. Um exemplo extraído das primeiras páginas do livro *América*, de Kafka, é usado para ilustrar como os textos literários podem ser traduzidos de forma distinta dos textos não literários. Esses textos diferenciam-se essencialmente na intenção (textos literários pertencem ao mundo da imaginação, enquanto textos não literários pertencem ao mundo dos fatos) e no fato de textos literários tratarem de pessoas, enquanto que os textos não literários tratam de objetos. Em comum, ambos os textos se preocupam com as verdades fundamentais da tradução: factual, estética, alegórica, lógica e linguística.

Palavras-chave: Tradução literária. Tradução não literária. Tradução especializada. Realidade. Estilo.

Abstract: *The purpose of this article is to contrast non-literary with literary translation. An example from the opening pages of Kafka's Amerika is used to illustrate how literary texts may be translated differently from non-literary ones. They differ essentially through intention (literary texts belong to the world of imagination whereas non-literary ones belong to the world of facts) and through the fact literary texts are about persons while non-literary ones are about objects. Nevertheless, both texts are concerned with the fundamental truths of translation: factual, aesthetic, allegorical truth, logical and linguistic truth.*

Keywords: *Literary translation. Non-literary translation. Specialised translation. Reality. Style.*



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

TRADUÇÃO NÃO LITERÁRIA À LUZ DA TRADUÇÃO LITERÁRIA

NON-LITERARY IN THE LIGHT OF LITERARY TRANSLATION¹

Nenhum ofício é tão dividido quanto o da tradução. De um lado, ela se ocupa de conhecimento, fatos e ideias, informação e realidade; de outro, de indivíduos humanos, natureza e um planeta povoado somente na imaginação; a primeira ocupa-se dos fatos e a segunda, dos valores; a primeira mantém a clareza da informação e a segunda o estilo como reflexo do personagem.

A tradução, assim como a sociedade humana que ela reflete, aparenta ter passado por um processo histórico de secularização. Inicialmente, os primeiros textos traduzidos eram religiosos ou jurídicos e, há 150 anos, eram majoritariamente literários, ou seja, textos escritos por filósofos, cientistas, letrados e alguns poucos teólogos. Atualmente, de acordo com Eugene Nida, textos literários não representam mais do que 5% do total de textos traduzidos. Em minha opinião, a tradução de poesias e, principalmente, letras de músicas representam 0,5% do total, o que indica uma inversão do valor e da importância desses textos. Apesar da considerável lacuna na disciplina, método e variação da linguagem entre traduções de textos não literários e literários - exceto alguns romances como os de Jane Austen ou Guerra e Paz que foram escritos como se fossem factuais - livros sobre traduções ainda são escritos sem diferenciar os dois gêneros textuais, conservando os antigos ensinamentos que se referiam predominantemente aos textos literários, como, por exemplo, de que a tradução de textos literários é impossível, servil, traiçoeira ou ambígua, mais conotativa do que denotativa. Esses autores ignoram completamente a vasta e majoritária tradução de textos não literários. Na verdade, a tradução, que se esforça para revelar a verdade e que busca primeiramente a exatidão, somente será, no máximo, aproximada, se o objetivo for reproduzir todo o sentido do texto original. Em textos não literários, como se buscam mais os fatos do que a qualidade exata, as traduções podem ser razoavelmente precisas. Na tradução de textos literários, essas traduções somente serão precisas até certo ponto uma vez que buscam manter tanto o sentido conotativo quanto o denotativo, já que esse tem muitos aspectos e somente pode ser traduzido de maneira limitada. Elas usam as duas línguas como ferramentas, cada uma com palavras distintas e variáveis, diferentes sons e gramática, diferente arranjo de palavras e diferentes lacunas e dissonâncias lexicais. Enquanto o tradutor lida com esse malabarismo de palavras e tenta compensar com vários procedimentos, somente a tradução de textos não literários pode assemelhar-se à

perfeição do significado. Ainda que a ligação entre poesia – o mais difícil de todos os gêneros literários já que lida com muitos aspectos linguísticos (sons, rimas e métrica) – e a tradução seja primária e histórica, ela continua sendo, acredito eu, indissociável.

Início a distinção entre textos literários e não literários com o começo do terceiro romance de Franz Kafka: América.

Als der sechzehnjährige Karl Rossmann, der von seinen armen Eltern nach Amerika geschickt worden war, weil ihn ein Dienstmädchen verführt und ein Kind von ihm bekommen hatte, in dem schon langsam gewordenen Schiff in den Hafen von New York einfuhr, erblickte er die schon längst beobachtete Statue der Freiheitsgottin wie in einem plötzlich starker gewordenen Sonnenlicht. Ihr Arm mit dem Schwert ragte wie neuerdings empor, und um ihre Gestalt wehten die freien Lüfte.

Como um romance, possivelmente o texto seria traduzido assim:

Quando Karl Rossmann, aos dezesseis anos de idade, que fora enviado para a América por seus pais depois que a empregada o havia seduzido e tivera um filho com ele, desceu no porto de Nova Iorque a bordo do barco que já havia reduzido consideravelmente a velocidade ao aproximar-se da terra firme, ele contemplou a Estátua da Liberdade que avistava há algum tempo e que refletia o esplendor do sol, que repentinamente ficou mais forte. Como se recentemente, o braço da estátua com a espada elevou-se, e ao redor de sua figura sopraram os ventos livres. (Tradução nossa)

Se o tradutor imaginar que os leitores possam não observar ou interpretar erroneamente a “espada da estátua”, ele deveria, acredito, escrever uma nota de rodapé indicando primeiramente o significado do símbolo da espada (agressividade) e depois o fato de a estátua empunhar não uma espada, mas uma tocha, simbolizando as boas-vindas aos refugiados, seguido de outros detalhes adicionais com “localização”: nome e datas do escultor, o país e o período do massacre aludido. Se o trecho fosse reescrito como uma notícia, ele provavelmente seria mais sucinto (a descrição da luz do sol e o “como se” seriam removidos); a palavra “espada”, identificada como um claro deslize do autor, seria simplesmente substituída por “tocha”. Normalmente, nenhuma nota de rodapé seria necessária uma vez que o erro seria considerado mais um lapso do que qualquer outra coisa. Esse exemplo indica a diferença básica entre os dois gêneros de tradução, que é de conteúdo e não, como comumente aceito, de forma. Além disso, em parte porque o aumento no número de textos não literários em comparação ao de textos literários tem sido expressivo e rápido, e isso mal foi considerado na literatura, ilustra a diferença exigida tanto na tradução quanto na anotação desses dois tipos de textos.

A maior diferença intencional entre literatura e não literatura é que a primeira compreende o mundo das ideias e imaginação; a segunda, o mundo da realidade, dos fatos e eventos. De forma denotativa, literatura é (a) poesia, que abrange o gênero lírico, dramático e poesia épica; (b) ficção, que abrange contos e romances; e (c) drama, que abrange (1) a tragédia, peças sobre a vida e a morte, (2) comédia, peças sobre a vida comum e (3) farsa, peças com humor exagerado sobre a vida. A literatura deriva do reino do dicionário de palavras, das palavras com letras minúsculas; o texto não literário abrange os tópicos das enciclopédias, dicionários das enciclopédias, nomes, títulos, palavras com letras maiúsculas. A literatura é escrita para ser falada e ‘sonorizada’, ou seja, lida para si mesmo e conscientemente ouvida, em um discurso natural rítmico, cuja ordem das palavras alterna para o primeiro plano (ênfase) ou ‘fundo’ (atenuação) em um segmento do texto. Textos não retóricos e não literários são escritos para serem lidos rapidamente sem sonoridade.

De forma geral, pode-se falar da arte da tradução literária e da ciência da tradução não literária, mas, na verdade, a tradução nunca pode ser uma ciência exata, tendo em vista que qualquer par linguístico é sempre dotado de forma desigual e diversa, embora não da mesma maneira: a tradução não literária do francês para o espanhol costuma ser mais precisa do que a tradução não literária do francês para o alemão, simplesmente porque o primeiro par linguístico tem maior proximidade que o segundo, apesar da ligação greco-latina presente em ambos os pares. A tradução sempre tem um aspecto científico, um artístico e um relacionado à habilidade – criação –, embora também seja, no fim das contas, por volta de 5% uma questão de gosto.

Em textos literários, as palavras são tão importantes quanto o conteúdo; em textos não literários, isso somente é verdade para palavras-chave que representam conceitos significativos, bem como para objetos, ações e qualidades físicas e morais para os quais não existem sinônimos absolutos. Por exemplo: arbusto, gagueira, verde e decente – infelizmente, muitas vezes faltam equivalentes de tradução para adjetivos, uma vez que a maioria desses adjetivos, incluindo ‘verde’ – mas não ‘preto’ ou ‘branco’ - e ‘decente’ exigem um grau de avaliação que é em parte subjetiva.

Tanto na língua quanto na tradução, como já observado, não há questões absolutas nem dogmas inquestionáveis: nada é perfeito, ideal, correto, exceto em uma área periférica limitada e livre de contexto (onde ‘preto’ é “schwarz”).

Entre os textos literários e não literários, há uma zona intermediária de tópicos, encabeçada pelo ensaio, o exemplo ideal de um gênero com um tema não literário e uma forma literária, seguido talvez pela autobiografia, crítica de arte, filosofia, religião, história,

psicologia, sociologia, estudos culturais – a importância das palavras em relação ao conteúdo e o rigor com o qual ambos deveriam ser traduzidos dependerá de quão bem escritas e quão sérias são. Todos esses tópicos intermediários são discutidos apenas em linguagem não literária – palavras como ‘deprender’, ‘ponderar’ e ‘meditar’ não seriam normalmente encontradas em tais textos, a menos que fossem citações de textos literários.

Textos literários são sobre pessoas, diálogos de forma implícita em primeira e segunda pessoa do singular, com um narrador ou coro na primeira pessoa do plural; textos não literários são sobre objetos, basicamente na terceira pessoa. As palavras literárias são sobre uma verdade alegórica, portanto uma verdade moral. Textos não literários são sobre objetos basicamente na terceira pessoa. Eles são escritos para serem lidos sem sonoridade ou para terem seus principais pontos lidos. A parte central de textos literários é a metáfora original ou imaginativa e o neologismo; a parte central de textos não literários é a metáfora direta ou explicativa e a palavra simples. Textos literários são escritos para serem lidos em voz alta na mente, para serem lentamente saboreados, para serem lidos repetidamente de forma criteriosa e progressivamente mais apreciados; a sonoridade de textos não literários é frequentemente ignorada e eles são lidos rapidamente.

Traduzir textos literários e não literários são dois ofícios diferentes, embora uma pessoa possa, às vezes, desempenhar os dois. As duas traduções são complementares e nobres, cada uma buscando no texto fonte uma valiosa, porém diversa, realidade. Sendo a primeira alegórica e estética, enquanto a segunda é factual e tradicionalmente funcional. Às vezes, cada uma delas tem origens culturais diferentes, ocasionalmente denominadas de “as duas culturas”, que são prejudiciais uma à outra.

Aqui, há uma longa história de distorções e hostilidades mútuas: o literário é visto como tradicional, antiquado, acadêmico, uma torre de marfim, desconectado da realidade; o não literário como filisteu, voltado para o comercial, a marmitta esquentada com álcool, incivilizados. A linha divisória é a palavra ‘engenheiro’, *ingénieur* como um acadêmico, *mécanicien* ou *monteur* ou *Mechaniker* na vida profissional. Em textos literários, essas são as palavras vagamente românticas, poéticas e obsoletas do século XIX: solitário, deprender, cismar, ponderar, arrastar-se, lastimar, tranquilizar-se, todas as palavras pessoais, que, quando despojadas de sentimento e ternura podem se tornar não literárias: solteiro, observar, meditar, contemplar, atrasar, lamentar, aliviar, as palavras de discurso direto.

Uma vez que a distinção é feita e reconhecida na língua inglesa como indiscutível em muitos casos extremos, embora seja um tanto quanto vaga e discutível em muitos casos entre

o literário e não literário, pode-se considerar sua aplicação a outras línguas. Embora nenhuma outra língua seja tão rica em palavras quanto o inglês, o romantismo, que se espalhou por toda a Europa do final do século XVIII ao final do século XIX e privilegiou o indivíduo em oposição à sociedade, a Idade Média em oposição ao presente, a natureza em oposição à cidade, os sentimentos em oposição à razão, o coração em oposição à mente, o nacionalismo em oposição ao cosmopolitismo e o sono, o sonho e até a morte em oposição à vontade consciente e à vida, – tendiam a favorecer o uso de palavras antigas e melífluas para textos literários, em particular os líricos, e mais tarde nos libretos das óperas de Wagner. Os textos não literários permaneceram relativamente sem traços característicos, casuais e monótonos se considerarmos os textos acadêmicos do final do século XIX, como aponta J.B. Bury sobre história (na verdade 1902).

6

E além disso, arrisco a pensar que pode ser útil e estimulante para aqueles que estão iniciando estudos históricos perceber vívida e claramente que a transformação pela qual esses estudos estão passando é em si um grande evento na história mundial – que estamos nós mesmos no meio dela, que estamos testemunhando e podemos compartilhar a conquista de uma mudança que terá grande influência nos próximos ciclos do mundo. Eu gostaria de ter sido capaz de perceber isso quando comecei a estudar história. (Bury, 1930, p. 58, tradução nossa)

Nesse tipo de texto, não se usa um adjetivo, expressão idiomática, oração ou um período se dois servirem. Em uma linguagem tão livre, não há dificuldades na tradução, até que a mídia comece a apimentá-la com palavras da moda, neologismos e gráficos computadorizados.

Fundamentalmente, a tradução se preocupa com cinco verdades: a verdade factual, que garante que a narrativa do texto na língua de partida, conforme refletida no texto da língua-alvo, corresponda aos fatos do mundo real; esse é o domínio da tradução não literária, porém em diversas áreas do texto literário a escrita se esforça para se aproximar ou se assemelhar à realidade, que parece mais próxima da realidade factual do que da alegórica; a verdade alegórica, que é a fusão da imaginação e da ética na tradução de uma obra literária; a verdade estética, que em uma obra literária é a beleza de sua forma e de sua sonoridade; e em uma obra não literária é “toda a facilidade” (Tytler, 1791, tradução nossa) e a agradabilidade de sua composição; a verdade lógica, que coloca o texto em um contexto de sequência causal com uma clara base na razão, sonoridade e espaço; e a verdade linguística, em que as expressões idiomáticas de uma língua podem complementar as equivalentes que não existem no outro idioma.

Em um número recente de *In Other Words*, Mike Shields afirmou: “Tentei mostrar que, em termos gerais, a maioria das traduções não são literárias, porém muitos leigos a veem como uma tarefa mecânica (a procura de palavras em dicionários) ou como uma tarefa impossível.” (Shields, 2000, p. 3, tradução nossa)

Quantos são “muitos”? Tendo em vista que a quantidade e importância da tradução cresceram imensamente nos últimos anos é de se esperar que a ignorância sobre ela não tenha aumentado paralelamente. O objetivo deste artigo foi contrastar a tradução não literária com a literária. Eu definiria tradução especializada, o tema deste periódico, como a forma mais técnica da tradução não literária, cujo foco são os termos, ou seja, palavras com significados únicos em um texto a ser traduzido, embora esses termos geralmente consistam em não mais do que 5% do vocabulário do texto, podendo ter diferentes significados em outros contextos. Quando tais termos não existirem na língua-alvo, recomendo que sejam claramente identificados por uma “marca de tradução”, ou seja, uma tradução provisória, geralmente apresentada entre aspas, até que ela se torne amplamente aceita. Em outros aspectos, o estilo do texto original deve ser respeitado se for razoavelmente claro e organizado, e melhorado caso seja deficitário.

7

REFERÊNCIAS

Bury, J. B. (1930). *Inaugural Address on The Science of History. Essays*. Cambridge University Press.

Shields, M. (2000). *In Other Words. Translators' Association Journal*, journal 15.

Tytler, A. F. (1791, 1813) (1978). *Essay on the Principles of Translation*. Amsterdam: John Benjamins.

¹ Artigo originalmente publicado em língua inglesa: https://www.jostrans.org/issue01/art_newmark.php
A publicação em língua portuguesa desse artigo é possível mediante autorização de tradução e reprodução concedida pelo periódico Jostrans e o filho de Peter Newmark, Matthew Newmark.
Na data da publicação do artigo original, Peter Newmark era professor de tradução na *University of Surrey*. Ele traduziu livros e artigos e publicou extensivamente sobre tradução. Ele escrevia *Translation Now* bimestralmente para o *The Linguist* e era vice-presidente, membro do conselho e membro do conselho editorial do *Institute of Linguists*.